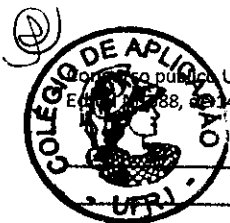


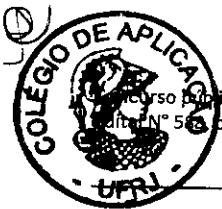
1) A questão do conhecimento sempre atraiu a atenção dos filósofos ao longo da história da filosofia, sendo, portanto, um tema recorrente e ocupando um lugar privilegiado nesta. Boa parte da tradição filosófica, principalmente até meados do século XX (com algumas raras exceções), compreendeu as investigações acerca do conhecimento como uma investigação acerca fundamentalmente da origem e da possibilidade deste. Neste sentido, as discussões querelas entre as grandes escolas filosóficas giraram em torno do princípio do conhecimento, ou seja, qual seria aquele ponto de partida primeiro que torna possível e justifica todo o edifício do saber. Essa posição é hoje conhecida como fundacionista, por oposição a recente visão epistemológica, que se intitula de antifundacionista. O antifundacionismo, ao contrário, defende que não há um princípio ou fundamento a partir do qual o conhecimento se dá, mas que este antes é fruto das nossas experiências, práticas e visões de mundo. Como consequência, para o antifundacionista, não há uma divisão qualitativa e uma hierarquia entre os saberes e os campos de saber - tese normalmente atribuída ao fundacionista -; para aquele há apenas uma distinção de grau entre os diversos tipos de conhecimento relativa à coerência (interna e em relação ao conjunto de todos os demais saberes) e à eficácia explicativa de cada teoria em questão.

Nos textos em tela pode-se perceber a representação dessas duas posições epistemológicas: o primeiro, de Berkeley, como exemplo da tradição fundacionista; e o segundo, de Quine, representando a posição antifundacionista. Berkeley é associado à escola empírica do século XVII, que defendia que a experiência empírica **T**éa única fonte confiável para o conhecimento. Apesar disso,



podem-se dizer que ele é herdeiro do cartesianismo - ligado àquela escola que se contrapõe, a saber, o racionalismo -, já que toma o sujeito, o "Eu", visto agora como o espírito percipiente, como o fundamento de todo o conhecimento. Na modernidade em geral é, de fato, o sujeito que cumpre esse papel fundamental. Porém, ao longo da história da filosofia outros candidatos fizeram fama, como por exemplo: as Ideias ou formas universais, os princípios lógicos e até Deus. Essa falta de clareza e de solução para a busca do fundamento do conhecimento pode ter motivado, direta ou indiretamente, a posição antifundacionista, bastante difundida hoje na filosofia. Na figura de Quine vê-se claramente um processo de naturalização da filosofia, ou seja, ^{num processo onde} a investigação acerca do conhecimento (a ~~epistemologia~~ epistemologia) não se distingue em espécie das outras ciências e que seu objetivo ~~é~~ ^{não é} mais estabelecer o princípio do conhecimento, mas antes se limita ~~a~~ ^a descrevê-lo.

2) Popper é um dos maiores filósofos da ciência do século XX e que é, em geral, conhecido pela tese da falsabilidade das teorias científicas. Essa tese visa primordialmente responder à questão de que é a ciência e em que consiste uma teoria científica. Decorrente e intrinsecamente conectada a essa, há o problema aludido no texto, a saber, o problema da demarcação das ciências e do saber científico. Tal problema pode ser ~~uma~~ sumariamente elucidado da seguinte forma: uma vez estabelecido o que constitui o saber científico, devemos ser capazes de distingui-lo das demais formas de saber (aquilo que será extra-científico); ~~contudo~~ ~~contudo~~ ~~contudo~~ ~~contudo~~ contudo, essa distinção nem sempre é fácil ou imediata. Daí Popper defender uma tarefa crítica da discussão científica.



ca, visando afastar e prevenir qualquer tipo de sobreposição de uma avaliação extra-científica dos fenômenos na avaliação verdadeiramente científica desses.

O problema da demarcação, contudo, não é uma novidade de Popper, sendo, na verdade, um problema clássico de filosofia da ciência, que remonta e pode ser identificado, por exemplo, tanto nos "Princípios da Filosofia" de Descartes (com a imagem da "árvore do conhecimento") quanto no "Novum Organum" de Bacon (com a sua crítica aos ídolos). Além disso, esse problema ganhou bastante notoriedade a partir da segunda metade do século XIX com a discussão em torno do caráter científico das chamadas ciências humanas ou do espírito: se essas ciências são ciências históricas e, por isso, não ~~podem~~ ~~forne~~ fornecem a previsibilidade dos fenômenos, a partir de leis gerais construídas pela regularidade das observações, então elas não seriam verdadeiras ciências? Dilthey, a título de exemplificação, defende o caráter científico das ciências do espírito, devendo elas, contudo, se valer de um outro método que não esse, próprio das ciências naturais.

Um outro aspecto que não podemos perder de vista diz respeito a influência e acatamento da solução de Popper ao problema da demarcação. É notório que Popper resgatou esse problema para o centro das discussões atuais acerca da ciência; entretanto, a sua resposta foi alvo de inúmeras críticas, especialmente ~~por~~ por Kuhn. Para esse, uma teoria científica é aquilo que é aceito pela comunidade científica e que, por isso, depende muitas vezes de elementos conjunturais (visão de mundo, tradição, cultura, etc.), que, segundo Popper, deveriam ser expurgados por conta da sua natureza "extra-científica". Ou seja, aquilo que Popper toma como extra-científico, para Kuhn deve ser

relativizado e quicá configurar como parte do saber científico, flexibilizando, portanto, a fronteira entre ciência e não-ciência.

3) Adorno é o filósofo fundador da Escola de Frankfurt, também conhecida como teoria crítica, e que aponta para o caráter ilusório da mera capacidade racional de conhecer e estabelecer a verdade sobre o mundo. Para o filósofo, a crença no poder da razão sempre esteve presente no horizonte cultural do ocidente. Contudo, o movimento Iluminista (Aufklärung) exacerbou e, por isso, acabou por deturpar a própria pretensão de conhecimento racional. Emulados pelos desenvolvimentos científicos de sua época, aqueles pensadores acabaram por atribuir à razão uma capacidade de conhecer a natureza e a realidade que não lhe pertence de direito. Essa atribuição pode ser identificada, por exemplo: na tentativa de matematização do mundo físico (a res extensa de Descartes); nos limites da experiência possível e, conseqüentemente, daquela mesma que identificamos como natureza (a estrutura transcendental a priori do conhecimento, segundo Kant); e na própria identificação do real com o racional (o espírito absoluto de Hegel). Segundo Adorno, a própria pretensão iluminista de plenos poderes da razão cai por terra por conta de uma contradição gerada dentro dessa mesma corrente de pensamento: ao tentar domar, conhecer e prevendo os fenômenos da natureza, a própria razão é que acaba domesticada e subjugada; a razão apenas se torna razão instrumental, ou seja, existe e somente pode funcionar como um meio (instrumento) para o domínio e manipulação da indústria cultural. Se o objetivo da Aufklärung era promover a razão de plena ~~autonomia~~ autonomia, não admitindo nenhuma verdade que não tenha para-



de antes pelo crivo da razão, agora, com o seu próprio desenvolvimento, a razão se torna serva dos interesses de uma elite, produzindo um saber técnico e utilitário. Sustentamente por conta desse cenário, de desilusão quanto às pretensões iluministas, é que se faz necessário atribuir à razão a função de denunciar aquilo que se julga comumente como razão. Ou seja, é preciso fazer uma (teoria) crítica do que se atribui como próprio da razão, a fim de libertá-la das amarras da indústria cultural e de toda e qualquer manipulação do conhecimento. Somente assim, segundo Adorno, pode haver conhecimento de fato na contemporaneidade.